

intervención personal del escritor en buena parte de la epopeya, transparentando el valor extraordinario del arte como arma, por lo cual provoca que Adamastor encarne con especial furor la fuerza destructiva frente a la fuerza creativa que emana del amor. Con una dosis innegable de osadía, Helder Macedo concluye que *Os Lusíadas* representaría más un poema concentrado en el futuro que volcado en la celebración de las hazañas pretéritas.

Es interesante anotar que esta nueva edición de *Camões e a Viagem Iniciática* depara una curiosidad plástica. Efectivamente, está disponible en tres cubiertas distintas concebidas a partir de retratos –el lírico, el épico y el iconoclasta– del artista André Carrilho.

Mário Cláudio, Tiago Veiga. *Uma Biografia, D. Quixote, 2011, 799 pp.*

José Vieira
Faculdade de Letras
Universidade de Coimbra
jose_e_c_vieira@hotmail.com

Profundo conhecedor da história de Portugal, da sua cultura e da sua literatura, Mário Cláudio é um escritor multifacetado onde vários temas se combinam e aglutinam dando forma a uma obra literária extensa, interessante e de referência.

Autor de vários géneros literários, como o conto, a novela, o romance, a biografia, a poesia e até a literatura infantil, Mário Cláudio é mestre não só em dar continuidade a projetos inacabados de alguns escritores, como é o caso de *As Batalhas do Caia* (1995), mas também em criar uma vida imaginária para várias personagens da nossa história e literatura que apresentam inúmeras sombras e espaços vazios.

Deste modo, Mário Cláudio apresenta-se sendo um exímio escritor, hábil manuseador da língua e de uma língua com vocábulos riquíssimos e esquecidos, e apresenta-se também como um escritor que, ao reescrever certas histórias ou apresentar biografias ou perspectivas diferentes das estabelecidas, aproxima-se daquela ideia

post-modernista que José Saramago, num artigo intitulado “História e Ficção”(2005), resumiu no seguinte pensamento: “basta sempre, contudo, uma grande zona de obscuridade, e é aí (...) que o romancista tem o seu campo de trabalho”, trabalho esse que parece ser “substituir o que foi pelo que poderia ter sido”.

Ora, se imaginarmos esta “grande zona de obscuridade” como campo de trabalho para o escritor, muitas são as hipóteses que este tem para (re)criar não só a história, mas também os seus atores que são as personagens.

É através da biografia enquanto género que Mário Cláudio irá dar vida a uma das mais interessantes e extravagantes personagens da nossa literatura contemporânea: Tiago Veiga.

Quando Mário Cláudio publicou *Os Sonetos Italianos de Tiago Veiga*, em 2003, tanto o público em geral como a crítica em particular, ficaram apreensivos, pois ninguém conhecia no cenário literário português ou na sua história nenhum Tiago Veiga. Houve mais duas publicações sob a autoria de Veiga: o *Gondelim de Tiago Veiga*, publicada em 2008 e a mais recente, de 2010, *Do Espelho de Vénus, de Tiago Veiga*. A apreensão do público e da crítica não se devia somente ao facto de Veiga ser um autor desconhecido, mas também pela sua mestria na escrita de uma poesia com laivos barrocos, com profundo conhecimento da tradição mitológica ocidental, mas também pelo seu pendor simbolista, por um lado, e modernista, por outro, fazendo lembrar, no caso do livro vindo à estampa em 2010, certa poesia de Rainer Maria Rilke.

Quando em 2011 é publicada o monumental *Tiago Veiga. Uma Biografia* parte do mistério parece ter sido desvendado.

Se, por um lado, Mário Cláudio nos relata a história da vida de um poeta quase desconhecido da nossa literatura, por outro lado, apresenta três grandes pontos que merecem reflexão e discussão.

O primeiro ponto tem que ver com a questão da biografia enquanto género literário. Apesar de no título surgir o género biografia é certo que esta volumosa narrativa é bastante híbrida no sentido em que apresenta aspetos da biografia, do romance e da autobiografia.

A obra encontra-se dividida em três momentos. No primeiro, intitulado “A Cela e a Vida”, o narrador, ou melhor dizendo, o nosso biógrafo, relata a história dos antepassados de Veiga, a sua ligação a Camilo Castelo Branco, a viagem dos pais para o Brasil, o suicídio da mãe, a vinda para Portugal, a entrada no seminário de Braga e o

conhecimento de algumas figuras da vida pública, política e literária portuguesa, como Bernardino Machado, Manuel Teixeira Gomes, António Ferro, Fernando Pessoa e José de Almada-Negreiros que nos idos de 1930 o apelidara de “o Esfinge magra”. (...) Falava-se por conseguinte de “um Esfinge Magra” que andava a deambular pela Baixa, mas sem se distinguir com a exactidão a figura a que deveria afivelar-se título assim (...) “ (p.219). Esta primeira parte irá terminar com a gorada tentativa de suicídio de Veiga, em 1931, após uma traumática relação amorosa com Helena.

A segunda parte, “Alhos e Safiras”, é o momento onde se dá o maior número de viagens realizadas pelo “esfinge magra”. De África (Guiné-Bissau e Marrocos) aos Estados Unidos da América, Tiago Veiga apresenta-se como um turista e um vagabundo, predicados atribuídos ao sujeito moderno e post-moderno, nas palavras de Zygmunt Bauman. Será também o momento de Veiga começar a pensar nos seus grandes projetos literários, todos eles, ou quase todos, nunca finalizados, ficando muito deles incompletos e outros esquecidos. É neste momento que Veiga se fecha ao mundo, qual peregrino, durante alguns anos, num convento em Ferrara.

A terceira parte, “O sono e o mundo”, acaba por ser a mais intrigante e aberta reflexões, tendo em conta que é a partir de 1962 que biógrafo e biografado se encontram.

A partir deste terceiro momento passamos a ter dois registos literários. Se por um lado continuamos a ter acesso à biografia de Tiago Veiga, por outro lado, a escrita autobiográfica do nosso biógrafo surge não só como pretexto, mas também como forma de atestar a existência de Veiga.

Deste modo, os conceitos de biografia e autobiografia sofrem mutações e deixam de ter somente um pendor histórico e factual, passando a ter bastante influência de jaez ficcional. É o próprio Mário Cláudio que, logo na introdução nos diz que “à fantasia para que sempre tende qualquer relato de uma vida, (...) acresce a tentação de colmatar as inúmeras lacunas com as suposições ao alcance (...)” (p.11).

Deste modo, é o próprio biógrafo que nos diz que esta biografia não pretende ser um relato factual da vida de Tiago Veiga, até porque tal seria impossível, dado que pouca ou quase nenhuma informação factual existe, a não ser alguma correspondência que não foi sujeita a

auto de fé e alguns manuscritos que se encontram em espólios privados.

Assim, a questão da biografia e do jogo entre a realidade e a ficção são temas presentes ao longo desta narrativa, pois como afirma o autor de *Boa noite, senhor Soares*, a “ficção é muito mais verdadeira do que a História, porque a ficção está muito mais próxima do mito, está sempre a formar-se. A História está junto ao facto, e o facto está sempre a deformar-se” (2005).

O segundo ponto de reflexão tem que ver com a heteronímia que se reflete na famosa passagem, já no final da narrativa, em que o nosso biógrafo vislumbra Tiago Veiga: “apercebi-me de alguém que devagar caminhava no passeio marginal lá em baixo. No absoluto silêncio, vazio de qualquer intrusão humana, e apenas quebrado pelo toque da bengala em que se apoiava, descortinei o nosso poeta, um pouco recurvo, mas impecável no casaco de linho branco. Não era porém Tiago Veiga quem ali progredia a custo, mas eu próprio, em busca de uma sílaba, de uma palavra, de um livro como este que os vermes hão-de comer” (p. 708).

Para além de seguir aquelas famosas três premissas preconizadas por Pessoa (nome diferente, biografia alternativa e estilo de escrita diferenciado), Mário Cláudio leva a teoria da heteronímia mais além, tendo em linha de conta que existem fotos de Veiga, assim como uma pintura, alguns manuscritos e, mais importante e interessante, o “pássaro bisnau” viajou pelo mundo, conheceu imensa gente e manteve um diálogo aberto e nem sempre simpático ou fácil com Mário Cláudio, criando, assim, momentos de grande tensão entre biógrafo e biografado. (Basta termos em conta que Mário Cláudio levou anos a aceitar a proposta de Veiga para escrever a sua biografia).

Um terceiro ponto de reflexão vai ao encontro da imagem do sujeito múltiplo, fragmentado e líquido que é apanágio dos tempos do Modernismo e do Post-Modernismo.

De facto, Tiago Veiga é um turista e um flâneur, pois está em constante deambulação, seja por meio de inúmeras viagens, seja na sua vida artística ou na sua vida pessoal, tendo em conta que acaba (quase) sempre por não levar os seus projetos, as suas relações e as suas ambições a bom porto.

Tiago Veiga. Uma Biografia é uma obra que nos apresenta um homem que se assemelha àquele Álvaro de Campos, engenheiro naval

metafísico e aposentado que nos diz, na “Tabacaria”: “Mas sou, e talvez serei sempre, o da mansarda”, mas que por ser da mansarda se torna numa grande personagem da nossa literatura.

Ana Luísa Vilela, *Imagens do estrangeiro e auto-imagem na obra de Ramalho Ortigão*. Évora, Centro de Estudos em Letras, 2011, 203 págs.

María Jesús Fernández García
Universidad de Extremadura
mjesusfg@unex.es

La publicación de trabajos de investigación en el ámbito de lo que conocemos por Imagología literaria puede considerarse constante, si bien lenta y esporádica en comparación con otros ámbitos de los estudios literarios, por ello es del todo oportuno referirse a una obra que, aunque publicada en 2011, viene a enriquecer la bibliografía dedicada a este tipo de análisis.

Conviene igualmente adelantar que el volumen, publicado por la Universidad de Évora, institución donde la autora es docente, nace de la adecuación de un trabajo académico, debidamente aligerado del aparato crítico propio de este tipo de investigaciones. Estamos pues ante una “tese juvenil” (p.3) cuya publicación se justifica, según la propia autora, como incremento necesario al conocimiento de la obra y el pensamiento de Ramalho Ortigão dada la “sorprendente escasez de estudios exclusivamente” (p.3) a él dedicados.

Como investigación que se encamina por el análisis de las imágenes del extranjero, contempla la distinción, básica para la indagación imagológica, entre hetero e auto-imagen que ya propusiera Hugo Dyserinck en sus trabajos de finales de los sesenta. Aunque el texto publicado ha sido desprovisto de cualquier explicación sobre la perspectiva teórica asumida o respecto al proceder metodológico, nos parece que este estudio se incardina en una tradición dentro de los estudios imagológicos que, arrancando en la obra de Jean-Marie Carré (entre otras, *Les Écrivains français et le mirage allemand*, 1947), pasa por Marius-François Guyard y se prolonga en los trabajos de Daniel-Henri Pageaux, autor que de hecho es el más representado en la bibliografía final. En este sentido, algunos